REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

A DECADÊNCIA DA CACHAÇA NA DÉCADA DE 1970 E RESSURGIMENTO A PARTIR DE 2010 DOS ENGENHOS NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA, PARÁ.

DECLINE OF CACHAÇA IN THE 1970S AND RESURGENCE FROM 2010 OF THE SUGARCANE MILLS IN THE MUNICIPALITY OF ABAETETUBA, PARÁ.

DECADENCIA DE LA CACHAÇA EN LA DÉCADA DE 1970 Y RESURGIMIENTO A PARTIR DE 2010 DE LOS INGENIOS EN EL MUNICIPIO DE ABAETETUBA, PARÁ.

João Batista Santos de Sarges
Mestre em ciências da educação
Universidad de Derarrollo Sustentable (UDS,
Abaetetuba, Pará, Brasi;
sargescbpm@hotmail.com

Maria da Trindade Rodrigues de Sarges
Mestra em ciências da educação
Universidad de Derarrollo Sustentable UDS;
Abaetetuba, Pará, Brasil;
trindaufpa@gmail.com

Jhonys Benek Rodrigues de Sarges
Mestre em ciências da educação
Universidad de Derarrollo Sustentable (UDS,
Abaetetuba, Pará, Brasi;
jhonysbenek@gmail.com

José Antônio Farias Nonato
Graduado em geografia
Universidade Federal do Pará- UFPA
nonatoejosi@gmail.com

Marcel Espírito Santo Carvalho Lobato
Especialista em Gestão Pública, Escola de Governança do Estado do Pará (EGPA),
Abaetetuba, Pará, Brasil,
mescal@bol.com

José Francisco da Silva Costa;
Doutorado em Física pelo Programa de Pós-graduação em Física-PPGF_UFPA
Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo-FADECAM, Brasil.
jfsc@ufpa.br

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

Resumo

O estudo analisa a importância histórica da produção de cachaça no município de Abaetetuba, destacando o processo de decadência ocorrido na década de 1970 e a posterior retomada produtiva a partir de 2010. A relevância da pesquisa reside no resgate da memória cultural e econômica de uma atividade que estruturou a organização social local e consolidou a identidade do município, tradicionalmente reconhecido como "terra da cachaça". O objetivo geral consiste em analisar a importância histórica da cachaça no contexto de Abaetetuba, considerando a decadência dos engenhos na década de 1970 e o ressurgimento observado a partir de 2010, conforme apresentado na introdução do trabalho. A metodologia adotada foi qualitativa, fundamentada em pesquisa de campo, com realização de entrevistas semiestruturadas com moradores, trabalhadores e historiadores locais. Essa abordagem permitiu acessar memórias, percepções e experiências não registradas em documentos oficiais, caracterizando-se pela valorização das narrativas orais como fonte histórica e pela análise interpretativa dos relatos coletados. Os resultados evidenciam que a decadência dos engenhos decorreu de fatores estruturais, como a modernização industrial, a falta de políticas públicas de incentivo, o aumento dos custos de produção, a desvalorização social da cachaça e o êxodo rural, que reduziu a mão de obra disponível. Em contrapartida, a pesquisa mostra que a atividade não foi extinta: alguns engenhos resistiram, preservando técnicas tradicionais e mantendo viva a identidade cultural associada à bebida. Conclui-se que a trajetória da cachaça em Abaetetuba é marcada por um movimento de declínio e resistência. A retomada observada após 2010 demonstra que a produção permanece como patrimônio cultural e econômico, sustentada por iniciativas artesanais e industriais que mantêm viva a tradição local.

Palavras-chave: Cachaça; Engenhos; Abaetetuba; Cultura.

Abstract

The study analyzes the historical importance of cachaça production in the municipality of Abaetetuba, highlighting the process of decline that occurred in the 1970s and the subsequent productive resurgence beginning in 2010. The relevance of the research lies in recovering the cultural and economic memory of an activity that shaped local social organization and consolidated the identity of the municipality, traditionally recognized as the "land of cachaça." The general objective is to analyze the historical importance of cachaça in the context of Abaetetuba, considering the decline of the sugarcane mills in the 1970s and the rise observed from 2010 onward, as presented in the introduction of the study. The methodology adopted was qualitative, based on field research, with semi-structured interviews conducted with residents, workers, and local historians. This approach made it possible to access memories, perceptions, and experiences not recorded in official documents, emphasizing oral narratives as a historical source and the interpretative analysis of the collected accounts. The results show that the decline of the mills resulted from structural factors such as industrial modernization, the lack of public incentive policies, rising production costs, the social devaluation of cachaça, and rural exodus, which reduced the available labor force. Conversely, the research shows that the activity was not extinguished: some mills resisted, preserving traditional techniques and keeping alive the cultural identity associated with the beverage. It is concluded that the trajectory of cachaça in Abaetetuba is marked by a movement of decline and resistance. The resurgence observed after 2010 demonstrates that production remains a cultural and economic heritage, supported by artisanal and industrial initiatives that keep the local tradition alive.

Keywords: Cachaça, Mills, Abaetetuba, Culture.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

Resumen

El estudio analiza la importancia histórica de la producción de cachaça en el municipio de Abaetetuba, destacando el proceso de decadencia ocurrido en la década de 1970 y la posterior reactivación productiva a partir de 2010. La relevancia de la investigación reside en rescatar la memoria cultural y económica de una actividad que estructuró la organización social local y consolidó la identidad del municipio, tradicionalmente reconocido como la "tierra de la cachaça".
El objetivo general consiste en analizar la importancia histórica de la cachaça en el contexto de Abaetetuba, considerando la decadencia de los ingenios en la década de 1970 y el ascenso observado a partir de 2010, tal como se presenta en la introducción del trabajo. La metodología adoptada fue cualitativa, basada en investigación de campo, con entrevistas semiestructuradas realizadas a residentes, trabajadores e historiadores locales. Este enfoque permitió acceder a memorias, percepciones y experiencias no registradas en documentos oficiales, valorizando las narrativas orales como fuente histórica y el análisis interpretativo de los relatos recopilados. Los resultados evidencian que la decadencia de los ingenios se debió a factores estructurales, como la modernización industrial, la falta de políticas públicas de incentivo, el aumento de los costos de producción, la desvalorización social de la cachaça y el éxodo rural, que redujo la mano de obra disponible. En contrapartida, la investigación muestra que la actividad no fue extinguida: algunos ingenios resistieron, preservando técnicas tradicionales y manteniendo viva la identidad cultural asociada a la bebida. Se concluye que la trayectoria de la cachaça en Abaetetuba está marcada por un movimiento de declive y resistencia. La reactivación observada después de 2010 demuestra que la producción permanece como un patrimonio cultural y económico, sostenida por iniciativas artesanales e industriales que mantienen viva la tradición local.

Palabras clave: Cachaça, Ingenios, Abaetetuba, Cultura.

1. Introdução

A compreensão dos processos históricos que moldam a organização social e econômica de um município exige a análise de atividades que, em determinados momentos, exerceram papel estruturante na vida coletiva. Nesse sentido, a produção de cachaça no município de Abaetetuba, no Estado do Pará, constitui um objeto de investigação relevante, por estar diretamente vinculada à formação histórica, cultural e econômica da região.

A cachaça, ao longo de décadas, não apenas representou uma atividade produtiva significativa, mas consolidou-se como elemento identitário, integrando práticas sociais, modos de vida e relações de trabalho que caracterizam o contexto local. A abordagem histórica torna-se, portanto, fundamental para compreender como essa atividade se desenvolveu, declinou e, posteriormente, retomou força, revelando dinâmicas sociais e econômicas que permanecem vivas na memória coletiva.

Historicamente reconhecida como um importante polo produtor, Abaetetuba destacou-se pela qualidade de sua produção, sendo frequentemente associada à ideia de "terra da cachaça". Os engenhos assumiam função central na economia rural, mobilizando mão de obra familiar, estruturando relações de trabalho e contribuindo para a circulação de bens e riquezas no município e em regiões adjacentes.

Contudo, a partir da década de 1970, esse modelo produtivo passou por um processo de decadência, marcado pelo fechamento de inúmeros engenhos e pela redução expressiva da produção. Tal fenômeno não pode ser compreendido de

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

forma isolada, pois se insere em um contexto mais amplo de transformações estruturais, como a modernização industrial, a reconfiguração dos mercados consumidores, a ausência de políticas públicas de incentivo à produção artesanal e as mudanças sociais decorrentes do êxodo rural.

A importância da pesquisa reside justamente na necessidade de resgatar essa memória histórica, compreender os fatores que levaram ao declínio da atividade e analisar as condições que possibilitaram sua retomada a partir de 2010. A permanência de alguns engenhos tanto artesanais quanto industriais evidencia a força simbólica e cultural da cachaça, que resistiu por meio da atuação de grupos sociais que mantiveram vivas as práticas tradicionais.

Essa resistência permitiu um movimento contemporâneo de revalorização, associado à busca por produtos regionais, ao fortalecimento da identidade local e à reorganização das estratégias de comercialização. A tabela 1 organiza os principais elementos que orientam a análise, distribuídos em três dimensões centrais da pesquisa. Ele apresenta, de forma sistematizada, os aspectos históricos, econômicos, sociais e culturais que fundamentam a discussão proposta.

Tabela 1 – Estrutura conceitual dos eixos de análise da pesquisa sobre a produção de cachaça em Abaetetuba.

CONTEXTO HISTÓRICO	DECADÊNCIA DOS ENGENHOS (1970)	RETOMADA E CULTURA (2010–ATUAL)
Origem da produção de cachaça no Brasil e no Pará.	Modernização industrial e perda de competitividade.	Revalorização dos produtos regionais.
Papel dos engenhos na formação econômica e social.	Êxodo rural e redução da mão de obra.	Resistência dos engenhos remanescentes.
Contribuições de Aquino e Hiram (1999).	Ausência de políticas públicas de incentivo.	Novas estratégias de comercialização.
Contribuições de Soares e Souza (2004).	Fechamento dos engenhos e impactos sociais.	Exportação e ampliação de mercados.
Contribuições de Costa (1998).	Desvalorização da produção artesanal.	Identidade cultural e patrimônio imaterial.
Abaetetuba como “terra da cachaça”.	Transformações econômicas e sociais da década.	Permanência da tradição e relevância atual.

Fonte: Elaborada pelos autores, História da cachaça, 2014.

Para compreender esse processo em profundidade, tornou-se indispensável a realização de pesquisa de campo. A abordagem qualitativa, com entrevistas a dois senhores com codinomes X e Y que conhecem muito bem esse contexto e ainda possuem conhecimento direto sobre o funcionamento dos engenhos, permitindo acessar memórias, percepções e experiências que não se encontram registradas em fontes documentais.

A pesquisa de campo, nesse sentido, não apenas complementa a análise histórica, mas a enriquece, ao revelar dimensões subjetivas, simbólicas e culturais que os registros escritos não captam. Assim, a metodologia adotada caracteriza-se pela valorização das narrativas orais e pela interpretação contextualizada dos relatos, permitindo uma compreensão mais situada do fenômeno estudado.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

Para obter uma abordagem compreensiva do fatos narrados sobre a temática, recorre-se ainda para contribuições de autores locais e outros que relacionados a temática relatando em citações e narrativas que esclarecem como aconteceu a evolução histórica e cultural da cachaça.

Diante desse cenário, formula-se o problema de pesquisa: *quais fatores explicam a decadência dos engenhos de cachaça em Abaetetuba na década de 1970 e quais elementos contribuíram para sua retomada a partir de 2010?* A partir desse problema central, emergem as seguintes perguntas norteadoras:

- Como a produção de cachaça estruturou historicamente a economia e a cultura de Abaetetuba?
- Quais transformações econômicas, sociais e políticas contribuíram para o declínio dos engenhos na década de 1970?
- De que forma os engenhos remanescentes resistiram ao processo de decadência?
- Quais fatores impulsionaram a retomada da produção após 2010?
- Como a cachaça permanece integrada à identidade cultural do município?

Com base nessas questões, o presente estudo tem como objetivo geral: *analisar a importância histórica da cachaça no contexto do município de Abaetetuba, considerando o processo de decadência ocorrido na década de 1970 e a ascendência observada a partir de 2010*.

Dessa maneira, este artigo se organiza em três eixos principais: o primeiro apresenta o referencial teórico sobre a trajetória histórica da cachaça no Brasil, com base em autores como Aquino e Hiram (1999), Soares e Souza (2004), Costa (1998) e Costenari e Abatti (2009) e historiadores locais do municipio de Abaetetuba a saber: Rocha, Machado , Lobato (1993), a escritora Monte Serrat, Luís Reis(1983) e Bittencourt. O segundo discute a formação e evolução dos engenhos no Pará, situando o município de Abaetetuba nesse contexto; e o terceiro analisa os dados obtidos na pesquisa de campo, articulando memória, cultura e economia para compreender o movimento de decadência e retomada da produção de cachaça no município (PEREIRA, 2014).

2. Revisão da Literatura

2.1 A trajetória histórica da cachaça no Brasil

A trajetória histórica da cachaça no Brasil revela-se profundamente vinculada aos processos de colonização, formação econômica e construção cultural do país. Desde sua origem, ainda no século XVI, associada à introdução da cana-

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

de-açúcar pelos portugueses, a cachaça emergiu inicialmente como um subproduto do sistema açucareiro, adquirindo, com o tempo, relevância econômica e social significativa. Seu desenvolvimento esteve diretamente relacionado à dinâmica dos engenhos, à expansão territorial e às relações comerciais estabelecidas entre colônia e metrópole.

Entretanto, a cachaça resistiu a esses processos de marginalização, sendo ressignificada como símbolo nacional, especialmente a partir do movimento modernista do século XX. Posteriormente, sua regulamentação e reconhecimento como produto tipicamente brasileiro reforçaram sua importância econômica e cultural. Assim, a história da cachaça revela uma trajetória marcada por tensões entre valorização e rejeição, economia e cultura, tradição e transformação, como mostrado na tabela 2.

Tabela 2 – Principais causas, metas e objetivos na história da cachaça

CAUSAS HISTÓRICAS	METAS / INTERESSES ENVOLVIDOS	OBJETIVOS / RESULTADOS HISTÓRICOS
Introdução da cana-de-açúcar pelos portugueses	Expandir a produção agrícola colonial	Formação dos primeiros engenhos e surgimento da cachaça
Desenvolvimento do sistema escravista	Maximizar a produção e reduzir custos	Consolidação da cachaça como subproduto econômico
Popularização da bebida entre a população	Ampliar o consumo interno	Expansão da produção em todo o litoral brasileiro
Uso da cachaça como moeda de troca	Sustentar o comércio colonial	Inserção da cachaça na economia internacional
Concorrência com bebidas portuguesas	Proteger interesses da metrópole	Imposição de impostos e proibições
Alta tributação e repressão colonial	Controlar produção e comércio	Revolta da Cachaça (1660)
Expansão territorial e ciclo do ouro	Atender novas demandas econômicas	Difusão da produção para outras regiões
Mudanças sociais no século XIX	Adoção de padrões europeus	Desvalorização social da cachaça
Movimento modernista	Resgatar a identidade nacional	Revalorização cultural da cachaça
Regulamentação estatal	Padronizar e fortalecer o produto	Consolidação como patrimônio cultural

Fonte: Elaborada pelos autores, História da cachaça, 2014.

O quadro mostra que a cachaça passou de subproduto colonial a elemento central da economia e, depois, a símbolo cultural do Brasil. Sua trajetória foi marcada por conflitos com a metrópole, mudanças econômicas e desvalorização social, mas também por processos de resistência e revalorização, revelando sua importância histórica, econômica e identitária.

2.2 A História dos engenhos de cana-de-açúcar no Brasil e no Pará

Uma análise histórica do início da organização territorial do Brasil permite identificar a existência de grandes momentos que marcam a expansão econômica

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

do país. Dentre esses momentos, cita-se, por exemplo, a relevância dos engenhos de cachaça, termo conhecido como bebida alcoólica derivada da cana-de-açúcar. Para aprofundarmos mais sobre esse assunto, faz-se um estudo da conjuntura histórica que envolveu o surgimento dos engenhos de cachaça no Brasil e, especificamente, no Estado do Pará. A colonização do Brasil faz surgir uma importante área de expansão geográfica, haja vista que o cultivo da cana-de-açúcar, juntamente com o tráfico de negros, ganhou repercussão econômica e social, pois envolveu a organização da sociedade brasileira, além do processo de ocupação do país.

No entanto, torna-se possível perceber que as fazendas passaram a ser locais de produção do território e emancipação da própria colônia. Nos primeiros anos de ocupação do território brasileiro e agricultura açucareira tornou-se uma das principais atividades econômicas. Pelas vias de exportação para a metrópole, a produção de açúcar passou a ser alvo de desenvolvimento econômico de Portugal, transformando-se em uma forma econômica fértil para os grandes fazendeiros portugueses que aqui se alocaram.

Entretanto, para que ocorresse um desenvolvimento favorável, inicialmente a mão de obra indígena foi a primeira a ser utilizada no plantio da cana-de-açúcar. Os indígenas envolveram-se no plantio, porém sem muito sucesso, já que não eram acostumados a usar a terra de forma ordenada, como era o caso da cultura da cana-de-açúcar. Segundo Fernando Aquino e Gilberto Hiram (1999) relatam que a cultura açucareira representa um grande evento para a história dos engenhos, uma vez que sua instalação foi seguida do aperfeiçoamento de mecanismo favorável à produção em grande escala, tornando-se o principal objeto da política econômica da metrópole.

Segundo Fernando Aquino & Gilberto Hiram, os escravos negros foram trazidos da África para trabalhar nos canaviais na produção de açúcar. De forma exploratória e cruel, os negros eram usados como mão de obra escrava, sem o menor cuidado com suas vidas. Assim, convém citarmos que foram nesse cenário que começaram a surgir os primeiros engenhos de cachaça no Brasil. Desse modo, no que diz respeito à organização dos engenhos no Brasil, de acordo com Aquino e Hiram (1999), os engenhos de cana de açúcar tornam-se gradativamente um complexo meio de desenvolvimento econômico da colônia, bem como uma forma de ampliação dos recursos fornecidos pela cana-de-açúcar. No que diz respeito à expansão econômica, à medida que a cana-de-açúcar passava a ser olhada como uma planta típica de um país tropical, como o Brasil, novos horizontes ligados à organização dos engenhos começavam a ser delineados.

Assim como os índios, negros foram usados como mão de obra no plantio dos primeiros pés de cana-de-açúcar. A única diferença reside no fato de que os negros foram massacrados cruelmente, à medida que não eram vistos como seres humanos, por conta da cor da pele. Como mão de obra, os negros serviram aos senhores nos engenhos e ajudaaram no crescimento da produção canavieira no Brasil, tanto é que a casa-grande, local de grandes riquezas, passou a ser a base de ostentação dos fazendeiros. Os fazendeiros como trabalhadores escravos abrigavam-se nas senzalas. Eles eram usados para plantar e colher a cana-de-

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

açúcar. Para Aquino e Hiram (1999) é durante o período colonial que se tem um dos principais picos de crescimentos econômico do Brasil.

> Dessa forma, o engenho tornou-se o centro pulsante da vida social nas regiões marcadas pela lavoura açucareira. Nele conjugavam-se os três setores- chaves da economia colonial; a produção de cana, a fabricação do açúcar e a exportação para o mercado europeu. (AQUINO; HIRAM, 1999, p, 108).

Observando o recorte acima identificamos que as lavouras de cana-de-açúcar marcam o processo de expansão da produção açucareira no território brasileiro. Nesse cenário Aquino e Hiram (1999) afirmam que durante o período colonial surgiram os setores chaves da organização econômica do país. Assim, podemos afirmar que:

> A história da cachaça se inicia praticamente no mesmo momento em que se inicia, no Brasil, o processamento da cana-de-açúcar para a fabricação do açúcar mascavo. No início era apenas um líquido espumoso sem valor comercial e que era utilizado como alimento para os animais. Num engenho da Capitania de São Vicente, entre1523 e 1548, descobrem o vinho de cana-de-açúcar (Garapa Azeda),que fica ao relento em cochos de madeiras para os animais, vindo dos tachos de rapadura. Foi por volta de meados do século XVI que a bebida, derivada da cana, começa a ser fermentada, destilada em alambiques de barro e a ser produzida para o consumo humano. (SOARES; SOUZA, 2004, p. 3).

Percebe-se que o plantio da cana-de-açúcar foi a primeira atividade econômica que ascendeu o Brasil Colônia, permitindo inclusive, a ocupação territorial ligada à produção de açúcar. Com o crescimento desse setor, a colônia foi ganhando fôlego, já que primeiro produziu para seu próprio consumo, posteriormente passou a exportar para o mercado europeu. Entretanto, é válido ressaltar que:

> Esse consumo foi inicialmente quase que restrito aos escravos, já que, acreditava-se que estes a consumissem poderiam aguentar melhor o trabalho duro e contínuo. Neste mesmo século a sua produção é qualificada e se torna uma cachaça nacional e de consumo geral (SOARES; SOUZA, 2004, p.4).

As autoras apontam que os engenhos se fortaleceram pelas mãos dos escravos. Foram eles que moveram a produção de cena cana-de-açúcar no Brasil colônia. É importante observar também que na história dos engenhos ocorreu a ocupação territorial do país devido ao avanço das plantações de cana-de-açúcar. Tal motivação permitiu que os senhores de engenho ocupassem mais terra, principalmente as chamadas terras devolutas. Desse modo, convém citamos que:

> Fica claro que, assim o papel preponderante do engenho na estrutura social da colônia. O engenho era constituído por diversas construções, entre as quais a casa grande, residência do proprietário rural que assumiu também as funções de fortificação, escritório e mesmo de pousada para viajantes; a senzala, que abrigava os escravos, sendo marcada pelas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

> péssimas condições de higiene; a capela, local de culto que envolvia a família do senhor, os escravos e moradores próximos ao engenho; além das edificações ligadas a produção da cana (AQUINO; HIRAM, 1999, P.108).

É importante dizer que os engenhos produziram culturas, tornando-se elementos importantes para a organização social do Brasil colônia, uma vez que as famílias rurais da época (fazendeiros) delimitaram seus territórios e seu poder na região. Tendo, pois, o poder em mãos, esses fazendeiros transformaram a escravização dos negros em comércio rentável e lucrativo. Nesse sentido, convém enfatizarmos que os escravos foram os personagens principais das ramificações e expansão dos engenhos no Brasil.

2.3 O escravo negro e a mão de obra desde os primórdios da colônia.

O escravo negro foi em algumas regiões mão de obra exclusiva desde os primórdios da colônia. Durante todo esse período, a história do trabalho é, sobretudo, a história do escravo. Primeiro nos canaviais, mais tarde nas minas de ouro, nas cidades ou nas fazendas, era ele o grande instrumento de trabalho (COSTA, 1998, p. 14). No final do século XVI já havia sido instalado no Brasil mais de uma dúzia de engenhos, todos com produção feita por escravos. Os engenhos inicialmente surgiram no litoral de São Paulo. Posteriormente, eles foram expandidos para o Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Depois dos séculos XVI e XVII, em que houve significativa multiplicação dos alambiques nos engenhos de São Paulo e Pernambuco, a cachaça se espalhou pelo Rio de Janeiro e Minas Gerais devido à descoberta do ouro e pedras preciosas. Durante o século XVIII a economia do açúcar entra em decadência e passa então a ser substituída pela extração de ouro em Minas Gerais. Na verdade a produção e a comercialização da cachaça somente foram possíveis com as descobertas dos metais preciosos que possibilitou uma maior rentabilidade e riquezas.

No início da migração para Minas, as cachaças brancas (puras) eram colocadas em barris de madeira para serem transportadas até Minas Gerais. O contato direto com a madeira e o fluido resultava num a coloração amarelada e com aromas e sabores próprios. Esse tempo necessário para armazenamento, passou a ser considerado, permanecendo o hábito de envelhecer e armazenar cachaças em barris de madeira. Hoje, pode-se observar que em cidades litorâneas, como Paraty, há um predomínio de produção de cachaças brancas, enquanto que em Minas Gerais, os produtores optam sempre por armazenar suas cachaças em barris para que elas adquiram características sensoriais, como cor e sabor, provenientes da madeira. Nas regiões de extração estavam, também, os pequenos alambiques que abasteciam a florescente população urbana que tentava enriquecer com a mineração, apesar dos impostos cobrados pela metrópole portuguesa.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

Com a popularidade da cachaça e com o declínio do comércio da bagaceira, novas medidas de taxação e proibição da produção de cachaça foram implantadas pela Coroa. Essas medidas contribuíram para o descontentamento da colônia e motivaram os primeiros ideais independentes, dando origem a Conjuração Mineira e a morte de Tiradentes. Como símbolo dessa luta pela independência do país, a cachaça era servida nas reuniões conspiratórias dos Inconfidentes.

Existem dois tipos de engenho: o engenho real, que era movido pela força da água de um rio, geralmente possuía dimensões maiores que os outros e o engenho de bois ou cavalos, também conhecido como engenhoca, que utilizava a força da tração animal ou mesmo a dos escravos, embora o deslocamento pouco produtivo (AQUINO; HIRAM, 1999, p.109). Particularmente nas fazendas a produção era baseada na monocultura aspecto esse que permitiu o fortalecimento da escravidão dos negros por meio da expansão dos canaviais. Na verdade, no Brasil, a cana-de-açúcar serviu de ponte estratégica de dominação dos portugueses, dado que para suprir o mercado europeu no período colonial brasileiro, essa produção deu origem à cachaça de cana, a cachaça propriamente dita.

Como foram referidos acima, os negros começaram a extrair a cachaça das impurezas retiradas durante o processo de fervura do caldo de cana, um líquido de grande preciosidade cultural. A este líquido foi dado o nome de cachaça, que com o passar do tempo passou a ser chamada também de pinga. Soares e Souza (2004) enfatizam ainda que, como bebida, a cachaça passou a ser comercializada com fins de troca comercial, como moeda (juntamente com o tabaco), e foi utilizada na compra de escravos.

Segundo Roberto Catelli Jr. (1992) destaca que no século XVIII houve o predomínio do trabalho escravo nas zonas açucareiras, em especial no nordeste e em Minas Gerais. Esse predomínio se deve realmente ao trabalho excessivo. Segundo Emilia Costa (1998, p. 13) frisa também que a mão de obra escrava “marcou os destinos da nossa sociedade” Desse modo, pode concluir que:

> O escravo negro foi em algumas regiões mão de obra exclusiva desde os primórdios da colônia. Durante todo esse período, a história do trabalho é, sobretudo, a história do escravo. Primeiro nos canaviais, mais tarde nas minas de ouro, nas cidades ou nas fazendas, era ele o grande instrumento de trabalho (COSTA, 1998, p.14)

Para acentuar ainda mais as diferenças sociais no Brasil, o avanço dos canaviais fluiu de maneira substancial para o Norte e Nordeste. A indústria açucareira no Brasil Colônia, no fim do século XVI, já era vista como um ciclo econômico valioso para os cofres portugueses, haja vista que nos Estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco e Sergipe, a produção açucareira e os investimentos em escravos (índios e negros) deram suporte para cada vez mais o cultivo de cana-de-açúcar pudesse sustentar as diferenças sociais. Como consequência, esse processo deu suporte para cada vez mais a cachaça fosse consumida. Segundo

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

Soares e Souza (2004) comentam ainda que nos anos de 1560, outros engenhos surgiram no território brasileiro. Engenho como os de Angra dos Reis e Paraty já exportavam a cachaça para a Europa.

> O fato repercutiu com tanta intensidade ao diminuir o consumo da bagaceira e do vinho portugueses que a Corte proibiu a produção, comercialização e até seu consumo. Este fato tornou a cachaça um símbolo dos Inconfidentes Mineiros, como representação da resistência à dominação da metrópole (COSTENARI; ABATI, 2009, p.2)

Tal aspecto, segundo as autoras, torna a cachaça reconhecida como a bebida genuinamente brasileira, posto que quando ocorreram as lutas pela independência do Brasil, os patriotas brindavam com as cachaças, rejeitando assim, o vinho, bebida de origem europeia. Porém,

> Posteriormente, com o fim da mão de obra escrava e o aumento do consumo do café, inicia-se uma fase de valorização ás referências europeias. Neste contexto, a cachaça é mais uma vez marginalizada, só sendo retomada sua defesa pelos modernistas, durante a semana de Arte Moderna de 1922, como signo nacional, juntamente com o samba e a feijoada (COSTENARI; ABATTI, p. 2, 2009).

Como se pode perceber, gradativamente qualidade da cachaça foi sendo aprimorada e a produção foi aumentando. Além disso, ela se tornou símbolo nacional, à medida que os patriotas sentiam que a cachaça era um objeto positivo na luta pela libertação do poder da metrópole portuguesa. Entretanto, com o crescente processo de industrialização, basicamente após a Revolução Industrial ocorrida no início no século XVIII, novos rumos passaram a alinhar a produção de cachaça no Brasil. Nesse contexto, a cachaça é mais uma vez marginalizada, só sendo retomada sua defesa pelos modernistas, durante a semana da Arte Moderna de 1922, como signo nacional, juntamente com o samba a feijoada. Aos poucos sua qualidade foi sendo aprimorada e produção foi aumentando já que o consumo passou a ser nacional e geral e, no final do século XX, passou a ter grande importância econômica para o Brasil. Hoje, a cachaça é feita com padrões comparados aos dos nobres destilados do mundo, como o uísque, a garapa, o conhaque, a vodca e a tequila (COSTENARI; ABATTI, 2009, p.2).

Portanto, cabe dizer que no contexto da expansão do processo de exploração da cachaça, a escravidão de índios e de negros fez das fornalhas e do plantio da cana-de-açúcar palco da história dramática de milhares de pessoas no Brasil.

Segundo Souza e Soares (2004) afirmam que a partir do século XVI, alguns engenhos passaram a ver a cachaça com outros olhos, ou melhor, passaram a considerá-la como uma bebida que tinha o seu valor. Nesse momento, houve grande expansão da produção de cachaça, a ponto de haver diminuído o consumo do vinho português no Brasil. Revoltada, a Corte proibiu a produção da cachaça. Esse fato só aguçou ainda mais o interesse dos inconfidentes mineiros pela bebida.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

A cachaça é considerada um símbolo dos inconfidentes, pois ela representa a resistência à dominação da metrópole.

Fica claro que os engenhos têm sua importância histórica na formação da sociedade brasileira. Ou seja, mesmo apresentando um tempo de escravidão humana, ainda assim, não podemos deixar de ressaltar que os engenhos de cachaça no Brasil têm sua importância histórica, a qual deve ser lembrada continuamente.

2.4 Os engenhos na cidade de Abaetetuba e relatos de historiadores locais.

O surgimento dos engenhos de cana-de-açúcar na cidade na cidade de Abaetetuba ocorreu em 1950. Os engenhos começaram a produzir grandes quantidades de cachaça na região das ilhas[1]. Por se tratar de um grande fenômeno histórico, a produção de cachaça deu a cidade representativa econômica cultura. Esse aspecto levou o município a conquistar slogan de destaque, ou seja, a cidade passou a ser conhecida também como “Terra da Cachaça e de Homens Valentes”. Machado (2005) afirma que a frase representa para os moradores da cidade um marco, uma vez que faz parte do processo de organização social, cultural e política desse município.

> Engenhos no rio Abaeté: A entrada do Rio Abaeté era o principal escoadouro de cachaça, próximo do qual se localizavam inúmeros canaviais. Era comum se dizer “roçado de cana-de-açúcar” para esses canaviais. Existiam alguns engenhos de cana-de-açúcar no Rio Abaeté. Vide Antigos Engenhos de Abaeté/PA (ROCHA, 2010, p. 1).

Sobre os primeiros tempos dos engenhos, segundo Maria de Nazaré Lobato (1993)[2] relata que as primeiras plantações de cana-de-açúcar foram feitas entre 1850 e 1860,com técnicas e instrumentos rudimentares. Na verdade, os trabalhadores retiravam as árvores da área em que seria feita a plantação, utilizando apenas o facão, o terçado e o machado, uma espécie de ganho retirado da própria árvore que servia para puxar os vegetais menores que já haviam sido roçados. Estes eram queimados e, depois de alguns dias, o plantio era feito.

> As primeiras mudas de cana-de-açúcar a chegar a Abaeté começaram a se propagar nos anos de 1850 a 1860, em cultivos experimentais e para subsistência dos agricultores locais. A cultura de cana-de-açúcar era realizada em terreno de várzeas, ao longo das margens dos rios, igarapés e furos, obtendo-se uma cana não muito produtiva, por falta de um preparo adequada do solo (ROCHA, 2010, p. 1).

Lobato (1993) ainda comenta que depois de ter realizado o plantio da cana-de-açúcar, o dono do canavial aguardava o seu crescimento, até que estivesse

[1] Localidade onde houve o plantio de cana-de-açúcar e produção de cachaça.
[2] Pesquisadora, escritora e poeta abaetetubense.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

pronto para o corte, o que durava em torno de dez meses, dependendo do tipo de solo. Por ser um plantio rudimentar, os trabalhadores não usavam adubo.

> O lavrador queria que a terra produzisse por si só, sem o auxílio de uma técnica adequada de plantio, fato que resultava numa baixa produtividade da variedade de engenhos ou lavradores ribeirinhos (ROCHA, 2010, p. 2).

Luís Reis (1983) ressalta que no município de Abaetetuba essa prática é muito comum, já que os donos dos canaviais não tinham nenhuma orientação para lidar com a terra. No livro *Abaetetuba,* segundo Reis afirma que a produção da cachaça o município se distingue pela forte contribuição que oferece ao crescimento econômico da região Norte do país. O autor ressalta que a região abaetetubense, pela qualidade do solo existente para o plantio e qualificação de cana-de-açúcar utilizada na produção de cachaça, era a preferida pelo caboclo, homem utilizado no plantio da cana.

Porém, os rios, com seus percursos longos e estreitos (furos e vazantes de marés complexas), dificultavam muitas vezes o transporte da cana e de seus derivados. O meio de transporte usado para escoar os produtos era o batelão[3]. Acontece que:

> Por esta situada aos rios Pará e Tocantins, os quais se encontram com a Baia do Marapatá, aproximadamente a 140 km do oceano Atlântico, Abaetetuba recebe a influência das marés através da Baia do Marajó. O que provoca a existência de praias em seu litoral. Por outro lado é o reduto antigo do maior centro de cachaça do Norte, apresentando alguns restos de velhos engenhos ainda da época do império, assim como pequenos bosques e matas primária (LOBATO, 1993, p.4)

Estudos de Lobato presentes no livro Ecos da terra (199) afirmam que Abaetetuba foi uma das cidades que mais se destacou na produção de cachaça.

> Mais tarde, quem plantava cana era o proprietário de engenhos ou lavradores ribeirinhos. Em muitos casos acontecia a meação no plantio de cana, entrando o senhor de engenhos ainda com as terras e o lavrador com seu trabalho. No tempo do Coronel Aristides como independente, anos de 1919 e 1920. Abaeté possuía uma área plantada de cana-de-açúcar de mais de 14.6000.000m3, pelos senhores de engenho e outra área de mais de 4.200.000m3, pelos lavradores ribeirinhos (ROCHA, 2010, p.2).

Além disso, o cultivo da cana de açúcar foi possível de acontecer pelo fato de a cidade estar localizada em uma zona tropical, apresentando um clima equatorial quente e úmido. Com temperaturas anuais de 25ºC, com elevada pluviosidade, inexistindo a estação da seca, outro fator de destaque para a qualificação da cachaça.

[3] Espécie de transporte. É um barco pequeno, motorizado, que possui uma parte coberta, como forma de proteger do sol os passageiros. É muito usado pelos moradores das ilhas para o transporte nos rios da região.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

É possível observar nas ruinas (embora em atividade) de um engenho de cana-de-açúcar. Trata-se do Engenho Pacheco, único que ainda produz cachaça, porém, em quantidade muito inferior em relação à produção feita no passado. Jorge Machado (2005) relata que este engenho foi um dos maiores produtores de cachaça que por aqui existiu, e que ele está localizado no rio Tucumanduba, no Rio Furo Grande, região das ilhas de Abaetetuba. O que resta dele são apenas as máquinas, lembranças e muita madeira velha, pois a crise econômica que se instalou na década de 60 no Brasil e, em especial, no Estado do Pará, afetou a maioria dos donos de engenho deste município.

> Abaetetuba, quando ainda se chamava Abaeté, experimentou o seu apogeu econômico nos tempos da indústria de cachaça, quando extensos canaviais se espalhavam por quase todas as várzeas dos inúmeros rios e Igarapés da região. Os chamados engenhos se multiplicavam por quase todo interior dos municípios de Abaeté, Igarapé-Miri, Moju, Barcarena e Cametá. Mas foi em Abaeté que a indústria canavieira prosperou com o surgimento de dezenas de engenhos produzindo cachaça, mel de cana/melaço, açúcar e rapadura, produtos de muita aceitação nos mercados amazônicos (ROCHA, 2010, p. 2)

Quanto a esse panorama, segundo Lobato (1993) afirma que do século XVIII até meados do século XIX existiram em Abaetetuba nove engenhos, os quais representava para sua economia, já que neste período o comércio produtivo não era tão grandioso. Vejamos abaixo a relação dos engenhos que segundo a autora fez parte da história do município de Abaetetuba:

> Engenho São Francisco; Engenho Boa Vista; Engenho São José- Rio Tucumanduba; Engenho Anapu; Engenho São José-Rio Capim; Engenho Carapajó, Engenho vista Alegre; Engenho Bela Vista; Engenho Marapatá (LOBATO, 1993, p. 45)

Aqueles engenhos permitiram que por décadas que Abaetetuba fosse conhecida como terra da cachaça(nome este dado a Abaetetuba devido por sua longa tradição na produção artesanal de aguardente, iniciada nos antigos engenhos de cana que marcaram sua história. A cidade desenvolveu uma cultura própria ligada ao cultivo, ao sabor e às técnicas familiares transmitidas por gerações. Esse conjunto histórico, cultural e produtivo fez de Abaetetuba um dos maiores polos de cachaça do Pará, consolidando o título que carrega até hoje).

Ocorre que a cachaça produzida por estes engenhos foi comercializada em outros estados do Brasil e até mesmo no exterior, pois a cachaça Abaetetuba proporcionou um acelerando desenvolvimento econômico para o município.

Este fenômeno resultou em um mercado bastante favorável para os engenhistas que cada vez mais alcançavam maiores lucros. No início do século XX, a cachaça abaetetubense atingiu uma enorme produção conhecida como “fase áurea dos engenhos de cana-de-açúcar em Abaetetuba”[4], o que garantiu aos

[4] Foi a fase que mais se produziu a cachaça abaetetubense. Os engenhos se produziram na região das ilhas, visando atender o mercado paraense.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

donos de engenhos recursos financeiros suficiente para conseguir compra diretamente da Europa produtos e equipamentos, como caldeiras e alambiques modernos.

O comércio da cachaça era feito por toda a região amazônica, através de embarcações chamadas de regatões[5], que aportavam em todas as cidades ribeirinhas realizando vendas e distribuição de produtos. Essas embarcações transportavam frasqueira (embalagens feitas com vidro rústico, normalmente para conteúdo de 25 litros, embrulhados de forma artesanal e reforçados com pedaços de madeira) em que a cachaça era depositada. De acerto modo, a produção da cachaça em Abaetetuba permitiu que a mesma se destacasse no estado do Pará. Porém, assim como em outros estados brasileiros, os engenhos abaetetubenses enfraqueceram economicamente a partir do século XX.

Convém dizer que o plantio de cana-de-açúcar proliferou no Estado do Pará de uma forma progressiva, ou seja saiu da região marajoara e para outras regiões, de maneira que, ao passar dos anos, já se via nas cidades do interior do Pará possíveis lugares de desenvolvimento econômico.

Sousa e Soares (2004) relatam que a produção de cachaça permitiu que a pratica da exploração escravista desse contornos sociais ao Brasil, o que denegriu a sua história, uma vez que morreram muitos seres humanos por conta do trabalho sub humano nos canaviais. Pode-se dizer que territorial atrelada a lavoura, houve a ocupação de territórios no país

Neste sentido, ao longo da história do Pará os engenhos se constituíram como um objeto valioso, tanto é que a cidade de Abaetetuba é referência no ciclo econômico de ocupação territorial no Estado. Desse modo, convém falarmos que os primeiros tempos dos engenhos serviram para que a cidade tornasse um lugar de produção econômica, serviu para enriquecer o comércio e aumentasse a população da cidade.

2.5 Os engenhos da cachaça no Pará: um olhar histórico

Basicamente a expansão territorial do Brasil se deu por meio da ocupação e exploração. Como passar dos anos os engenhos ganharam sustentação produtiva, resultado da exploração da mão de obra escrava, em especial, dos negros. Os engenhos se se tornaram uma força política e econômica em várias regiões do país no período colonial. No Pará, a produção de cachaça ocorreu principalmente nos municípios de Muaná, Igarapé-Miri e Abaetetuba. Dessa forma, o Estado adquiriu renome econômico, à medida que passou a ser reconhecido como local de produção da cachaça. Em resumo, a presença do negro na Amazônia caracteriza um tempo em que a agricultura era o mecanismo de ascensão social no país.

Além disso, a ocupação do Pará passou a representar novos horizontes de exploração econômica para o Império, uma vez que aqui havia boas terras de natureza viva e exuberante como recuso produtivo. Particularmente, os engenhos

[5] Os regatões: barco de grande extensão, porão largo que servia para que servia para transportar a cachaça abaetetubense nos rios paraenses.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

paraenses surgiram a partir do plantio e cultivo da cana-de-açúcar, assim como nos demais estados do país.

No Estado do Pará, de acordo com Souza e Soares (2004), os primeiros engenhos foram instalados pelos holandeses. Isso ocorreu em meados de 1600. O primeiro engenho português no Pará começou a funcionar entre os anos de 1616 e 1618[6]. A produção se concentrou basicamente na região do rio Amazonas. Diferente do que acontecia em outros Estados do Brasil, os engenhos dessa região produziam cachaça, e não açúcar, o que favoreceu a exportação de cachaça para os lugares mais distantes.

Segundo Souza e Soares (2004) apontam que no período colonial surgiu um grande interesse pela Amazônia, uma vez que, com a unificação da coroa, em 1580, houve infiltração dos poderes na Amazônia, que na época já se configurava como novo campo de exploração. Por esse motivo, o Estado do Pará foi envolvido no ciclo econômico ligado a cana-de-açúcar.

Convém dizer que o plantio da cana-de-açúcar surgiu no contexto de ocupação territorial do Estado do Pará, visando expandir a produção de derivados para outros países. O uso da lavoura no Pará não conseguiu atingir o que a metrópole portuguesa desejava, já que a influência das mudanças ambientais não era favorável a esse fim.

Assim, por conta da questão ambiental, o plantio não foi favorável à economia do Brasil colônia. Os produtos mais cultivados eram arroz (sobretudo na Zona guajarina); o algodão, nas cercanias de Belém (em terra firme); o cacau (na calha do Tocantins), nas proximidades da cidade de Cametá; o tabaco (bacia do Acará). O cultivo da cana-de-açúcar concentrou-se na região Marajoara[7]. O cultivo de cana-de-açúcar adequou-se ás regiões das ilhas da cidade, e foi nesse território que os chamados engenhos de cachaça se destacaram já no século XX. Nesse panorama, frisamos que o Estado do Pará também é berço da ocupação e da exploração dos engenhos da cachaça.

As riquezas amazônicas têm sua história do povo paraense o desenvolvimento da cultura açucareira voltada para a produção de cachaça, aspecto este que se apresenta no contexto social de muitos brasileiros, e que está associado ao crescimento das exportações das riquezas naturais encontradas no Estado do Pará. Nesse sentido, considerando a importância da trajetória histórica dos engenhos no Estado do Pará, procura-se situar nas próximas seções abordagem no estudo da cidade de Abaetetuba, e que, por esta razão, tem no seu aspecto social e econômico a existência de engenhos, os quais são referência em sua organização.

[6] O acesso pelo Rio Amazonas para outras regiões brasileiras, contribui para que os engenhos fossem se alocando na região do Rio Amazonas.

[7] Souza e soares (2004) enfatizam que devido à qualidade do terreno o plantio de cana-de-açúcar tornou-se invisível, o que levou os paraenses a investir em produtos adaptáveis ao solo da região.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

2.5 historiadores e suas visões sobre a cachaça abaetetubense

2.5.1 Rocha

A decadência dos engenhos começou na década de 1970, fruto do crescimento econômico em outras regiões do Brasil, mas principalmente pela inexistência de uma produtividade mais adequada para as mudanças que estavam ocorrendo no país. Machado (2005) comenta que a produção da cachaça pelos engenhos sofreu com a monopolização do açúcar e do álcool na região nordestina.

> Os senhores de engenho, eram uma realidade na antiga Abaeté e eles, com todo o poder que desfrutavam tinham sob a sua autoridade de "coronéis", uma grande quantidade de empregados, inclusive escravos, e essas famílias de empregados, sob o domínio desses senhores poderosos, ficavam sob sua influência, inclusive estavam à disposição de seus apetites sexuais, onde as moças das famílias dos serviços serviram de repasto sexual, gerando uma grande quantidade de filhos extraconjungais (ROCHA, 2010, p.6)

Isso refletiu no desenvolvimento do ciclo econômico no município. Este fato desencadeou na região somente a fabricação do mel e da cachaça. Luís Reis (1983) declara também que os engenhos em Abaetetuba foram agraciados, a qual oferecia ao caboclo abaetetubense a possibilidade de se tornar um dos maiores produtores de cana-de-açúcar.

> O comércio de cachaça e outros produtos de cana-de-açúcar eram feitos por toda a região amazônica, por meio das embarcações que praticavam o chamado "comércio de regatão", que também enriqueceu muitas famílias do Baixo Tocantins, principalmente de Abaeté. Muitos donos de engenhos enriqueciam e montavam outros negócios na cidade de Abaeté ou iam embora para centros mais adiantados, tornando-se comerciantes ou industriais (ROCHA, 2010, p. 6).

A cachaça se tornou um dos produtos básicos para a geração de renda e desenvolvimento, desde o primórdio até o seu ápice em 1940. Em relação a decadência, Reis (1883) e Machado (2005) ressaltam que o principal motivo dela foi a teimosia dos engenhosas abaetetubenses. Na realidade, os donos dos engenhos mantiveram os métodos de produção arcaica, o que causava a perda de 60% da cana-de-açúcar. Portanto, a prática rudimentar de fabricação de cachaça é um dos motivos que causaram a decadência dos engenhos. Outro problema ligado à decadência relaciona-se, na visão de Reis (1983), ao processo de industrialização, ou seja, o valor em dinheiro vinculado à produção de cachaça, o que levou a venda do produto nas décadas de 50, 60 e 70 a decair anos após anos.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

2.5.2 Machado

Nos primeiros tempos dos engenhos, por exemplo, a indústria e produção da cana-de-açúcar chegaram a 94% para a fabricação da cachaça, chegando a ocupar 26% da população do município. Isso mostra que outra parte da população sobrevivia do comércio varejista e atacadista.

Machado (1986) aponta algumas características relevantes sobre os engenhos:

> O município viveu seu mais brilhante período de 1891 a 1950, passa a destacar os 36 engenhos e usinas de açúcar, como o maior número do estado do Pará, onde os chamados "coronéis de engenhos" chegavam a importar lanchas da Inglaterra, tal era o poder econômico acumulado por eles, mostrando com isso, que a cachaça produzida em nosso município era extensa e lucrativa (MACHADO, 1986, p. 99-101).

O autor conta que a comercialização da cachaça era feita no varejo e atacado. o regatão era utilizado para transporte. O período áureo de produção da cachaça de 1945 a 1955. A decadência ocorre a partir de 1973.

> De características puramente subsistentes nos primórdios, Abaetetuba paulatinamente passou à exploração sistemática do potencial disponível; como o cultivo da cana-de-açúcar servindo de subsídio à importantes atividades econômica: a produção de cachaça. Tal produto divulgou enormemente a alcunha de "terra da cachaça" (MACHADO, 1986, p. 99-100).

Mas, para manter a produção em um patamar de alta produção, era necessário o uso de uma mão de obra vultosa para impulsionar a indústria. Porém, desde o plantio nos canaviais até os seus produtos finais, como o mel, a rapadura, o açúcar moreno e a cachaça, as práticas rudimentais de produção acabaram interferindo no desenvolvimento econômico do município.

Machado (2005) afirma que o escritor abaetetubense João de Jesus Paes Loureiro[8] chegou a publicar uma obra que conta a decadências dos engenhos de forma poética. A obra chama-se *Canto angustiado aos plantadores de cana.*

Nessa obra o autor retrata a luta do caboclo pela conquista da riqueza por meio da produção de cachaça e ao mesmo tempo, conta sobre a angústia dos engenhistas no período da decadência.

Machado (1986) ressalta que os engenhos foram até a década de 70 uma fonte de subsistência, pois, do ponto de vista econômico, os engenhos de cana-de-açúcar surgiram em um momento propício para atender, a uma população carente, em especial, os moradores das ilhas de Abaetetuba.

[8] Escritor abaetetubense, já escreveu em algumas de suas obras fatos relacionados à decadência dos engenhos de Abaetetuba.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

> [...] Lamenta-se, porém que vultosas atividades econômicas do passado tentam decaído de tal forma que hoje se encontra quase extinta [...] com os incentivos governamentais ao Proálcool, é de se imaginar a potencialidade não explorada nesse sentido. Por outro lado certas deficiências na infraestrutura industrial, apegado a métodos arcaicos e pouco produtivos têm contribuído, para a falta de desenvolvimento do setor (MACHADO, 1986, p. 100).

O autor afirma também que o beneficiamento da cana-de-açúcar foi importante para a fabricação de cachaça e sua produção como suporte de desenvolvimento social, haja vista que os ribeirinhos (moradores das ilhas de Abaetetuba) viram com grande interesse o crescimento financeiro de suas posses, resultado dos ganhos com a exportação de cachaça para outras regiões, conforme declara a citação.

> A economia do município divide-se em três setores: primário, secundário e terciário, onde a produção de cachaça do nosso município utiliza-se dos três setores da economia que vai desde o plantio da cana-de-açúcar, a colheita, o beneficiamento nos engenhos, a venda, a revenda no mercado interno e as exportações (MACHADO, 1986, p.105).

Nesse sentido, compreende-se que a cachaça passou a ser considerada um forte comércio para o município, expandindo-se para os setores que elevaram ao seu valor histórico e cultural.

2.5.3 Lobato

Quanto à década, Lobato (1993) enfatiza que os engenhos serviram de suporte financeiro e econômico para localidade. Conforme dados coletados por esta autora, os engenhos chegaram a somar um total de trinta, os quais funcionavam ininterruptamente.

Lobato (1993) relata que primeiramente os engenhos começaram produzir a garapa (primeiro produto extraído da cana-de-açúcar, um suco adocicado e saboroso). A cana era prensada em moendas fabricadas com pedaços de madeira bastante resistente (acapu), e movida por tração animal ou humano. Acontece que a procura pelo uso cresceu pela região e, posteriormente, o interesse também cresceu pela cachaça.

Entre as décadas de 1950 e 1960, a cachaça tornou-se o principal produto econômico do município. Foi à época em que funcionavam mais de 40 engenhos distribuídos em rios, furos e igarapés, dando ao município de Abaetetuba o título de “terra da cachaça”. Desse modo, a cidade ficou conhecida pela sua riqueza produtiva ligada à extração e fabricação da cachaça extraída da cana-de-açúcar.

Nesse período, a produção e a comercialização de cachaça geravam trabalho e renda para uma grande parte da população. Muitos trabalhadores

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

conseguiam manter suas famílias nas proximidades dos engenhos, já que os donos davam assistência econômica e social aos trabalhadores. Na maioria das vezes esse amparo era executado, por meio de aviamento, processo no qual o dono do engenho beneficiava-se da venda de produtos de primeira necessidade as empregados ou a seus familiares, obtendo maior controle, lucro e dependência destes.

Em suma, por décadas:

> Os engenhos passaram a equipar-se com o que se melhor era fabricado na Europa e assim, garantiam ao município um desenvolvimento mais acelerado. Era a fase de prosperidade total, arcada por apenas um produto, mas que oferecia condições de lucro capaz de enriquecer qualquer pessoa que fizesse cana-de-açúcar o seu ramo de atividade. Por isso, naquela época, até mesmo as moradias dos engenhistas mostravam opulência: espaçosa, feitas de maneira de melhor qualidade, bastante iluminadas por motores a óleo e muito arejados pelas grandes quantidades que ostentavam (ABAETETUBA, 1990, p. 5).

Os engenhos eram considerados de grande porte meio de um contexto social como os das ilhas de Abaetetuba. Logo, o dinheiro era um mecanismo de opulência. Seu X e seu Y falaram que um dos mais importantes engenhos da cidade de Abaetetuba era o engenho do Senhor Pedro Nobre, localizada na ilha conhecida como Tauera-Açú: “por dia se produziam muitos garrafões cachaças”. Eles falaram ainda que a cachaça era comercializada na região do Amazonas, ou seja:

> Os engenhos produziam a cachaça, depois engarrafam e depois rotulavam com o selo criado para identificar a cachaça produzida na cidade de Abaetetuba. Além da cachaça no engenho do seu Pedro Nobre se produzia também vinho só que não em mesma proporção que a cachaça.

Isso indica que existia uma grande fartura financeira oriunda da produção e exportação da cachaça de Abaetetuba, pois a casa grande ficava localizado no centro da comunidade onde funcionavam os engenhos. Era uma casa ocupada somente por familiares dos donos dos engenhos e agregados. Este aspecto aponta para o fato de que:

> A fartura era tanta que na sala de jantar, estendia-se uma mesa cuja extensão bem mostrava a quantidade de alimentos que era consumida pelo patrão e todos os seus empregados, numa intimidade como se fosse uma só família (ABAETETUBA, 1990, p. 5).

Como é possível verificar, auge dos engenhos de cana-de-açúcar proporcionou ao povo de Abaetetuba o êxito de ser reconhecido em muitas regiões do Brasil. A decadência desses engenhos também se deu por conta do crescimento do comércio na cidade, pelo surgimento das olarias nas mesmas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

localidades que funcionavam os engenhos e, principalmente por conta de ações civis de empregados na Justiça do Trabalho, exigindo seus direitos trabalhistas.

Considerando esse contexto, Lobato (1993) revela que a decadência dos engenhos aconteceu mesmo por volta de 1970.

O declínio dos engenhos da região começou a preocupar os engenhistas, os quais passaram a investir em outras atividades como a construção de pequenas mercearias[9]. A autora lembra que dos 44 engenhos na década de 60, hoje resta apenas um no Rio Furo Grande, de propriedade do Senhor Jurandir Corrêa Pacheco.

2.5.4 A escritora Monte Serrat, Costenari, Abatti e Bittencourt

Monte Serrat[10] (1990) comenta que à medida que os engenhos eram extintos, o comércio de Abaetetuba despontava na região. Logo, o outro chamado cachaça foi sendo esquecido. A autora (1990) relata que, por décadas,

> Muitos foram os que correram para cá. Na corrida do ouro, cachaça- "Água que passarinho não bebe-" oferece. E foi talvez essa tentação de correr atrás do ouro da cachaça que trouxe para cá o português Bernardino Costa que aliado ao também português Saul, montaram um próspero engenho das margens do Rio Jarumã, que logo foi batizado com o nome de seu sócio. O engenho de Saul (SERRAT, 1990, p. 116).

Na realidade a busca pela riqueza trouxe pessoas de fora do Brasil para a região de Abaetetuba. Porém, à medida que os engenhos iam decaindo, essas pessoas mudavam para outras regiões. É valioso ressaltar que a economia brasileira sempre esteve atrelada à organização de ciclos econômicos. Esse processo se deu desde a colonização. Aquino e Hiram (1990) comentam que a sociedade brasileira passou por várias etapas de desenvolvimento, cuja atividade predominante era a exploração da terra. Assim, a produção de cachaça também se relacionou ao cultivo da cana-de-açúcar.

Costenari e Abatti, (2009) afirmam que é necessário resgatar os fatos e fenômenos históricos. Além disso, a memória do povo deve ser preservada e valorizava como mecanismo cultural, uma vez que a cidade de Abaetetuba não existe registros oficiais em larga escala que possam ajudar na preservação de história dos engenhos da cachaça da cidade.

Bittencourt (2004) revela que a história deve ser pronunciada, analisada a divulgar sempre. Se tal processo acontecer, a pesquisa ganhará valores essenciais na preservação de muitos fatos. A pesquisa historiográfica nos dias atuais pode ajudar e substituir uma nova forma de analisar os contextos sociais do passado e perceber o tempo presente.

[13] Espécie de mercado muito importante na região das ilhas
[10] Professora, advogada e escritora abaetetubense.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

Serrat (1990) aponta que na memória do povo abaetetubense estão guardados momentos valiosos. Diante desse fato, afirmamos que, dos antigos engenhos, restam lembranças. Do único engenho que ainda funciona nas ilhas de Abaetetuba, resta a persistência, já que, nos dias atuais, produz-se a cachaça com a mesma qualidade de antes, de acordo com os que privilegiam a bebida.

3. METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada na perspectiva histórico-sociológica, buscando compreender o auge e o declínio dos engenhos de cachaça em Abaetetuba a partir das memórias, narrativas e registros dos sujeitos envolvidos com essa atividade econômica. Essa abordagem permite captar dimensões simbólicas, afetivas e culturais que não emergem por meio de métodos quantitativos, valorizando a experiência dos indivíduos que vivenciaram diretamente ou indiretamente o período áureo da produção de cachaça.

A investigação se orientou pela análise da cultura material, das práticas produtivas e das transformações socioeconômicas que marcaram o município ao longo do século XX, articulando elementos como modos de trabalho, relações comunitárias, técnicas artesanais e impactos da modernização agrícola.

A utilização de entrevistas, observação e participante possibilitou reconstruir trajetórias, identificar rupturas e compreender como a memória coletiva preserva e ressignifica a importância dos engenhos. Dessa forma, a metodologia adotada buscou integrar história oral, análise documental e interpretação sociológica, permitindo uma leitura ampla e contextualizada sobre o processo de ascensão e declínio da cachaça em Abaetetuba.

3.1 Local das entrevistas e eixos abordados

As entrevistas ocorreram nas ilhas de Abaetetuba, realizada entre 2009 e 2010. Os eixos abordados incluíram com os dois entrevistados que se deram por meio de funcionamento dos engenhos, produção da cachaça, auge econômico, causas da decadência, relações de trabalho, impactos sociais da crise, migração dos ribeirinhos e memória histórica dos trabalhadores.

3.2 Procedimentos metodológicos

Realizou-se pesquisa de campo utilizando diferentes técnicas de coleta de dados, buscando reconstruir a história dos engenhos de cachaça a partir das experiências e memórias dos sujeitos envolvidos. As entrevistas semiestruturadas foram aplicadas ao Srs. X e Y sem que suas falas foram anotadas em campo**,** sem necessidades de gravações, permitindo captar relatos detalhados sobre o funcionamento dos engenhos, as relações de trabalho e os fatores que levaram ao declínio da produção.

A observação participante, registrada em diário de campo, possibilitou acompanhar o cotidiano da comunidade, identificar marcas materiais do passado e

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

compreender como a memória coletiva preserva esse patrimônio. O registro fotográfico das ruínas, máquinas, estruturas e objetos relacionados à produção da cachaça contribuiu para documentar visualmente o estado atual do engenho e reforçar a análise sobre a deterioração das antigas instalações, sem no entanto, procurar mostrar inserido neste contexto devido não divulgação por parte dos envolvidos na pesquisa.

Além disso, realizou-se análise documental, consultando registros históricos, relatos e documentos preservados pelo proprietário, que incluem informações sobre produção, comercialização e organização dos engenhos. Assim, a combinação de técnicas qualitativas permitiu construir uma narrativa consistente e contextualizada sobre o auge e o declínio da cachaça em Abaetetuba tendo como base dois importantes entrevistados para consolidar a pesquisa.

3.3 Universo e seleção dos participantes e instrumentos de coleta

Os entrevistados foram selecionados por relevância histórica, considerando critérios que permitissem reconstruir com fidelidade o período de funcionamento dos engenhos de cachaça em Abaetetuba. A escolha contemplou dois sujeitos com participação direta na produção da bebida. O primeiro entrevistado o Sr. X antigo trabalhador do Engenho Pacheco e Sr. Y que descreve o trabalho intenso e rudimentar no corte e transporte da cana, revelando a precariedade estrutural dos engenhos.

Demonstra como o modelo de produção era pesado, pouco mecanizado e dependente de grande mão de obra, o que contribuiu para a queda da competitividade dos engenhos. Além disso, buscou-se entrevistar por meio de seleção intencional, priorizando os dois sujeitos capazes de explicar tanto o auge quanto os fatores que levaram ao declínio da atividade, articulando memória, experiência e conhecimento histórico.

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram selecionados para garantir a coleta de dados ricos e contextualizados sobre o funcionamento dos engenhos e a memória social da comunidade. O roteiro de entrevista, composto por perguntas abertas, permitiu explorar aspectos relacionados à produção, comercialização, relações de trabalho e às causas do declínio da atividade, favorecendo relatos espontâneos e detalhados.

O diário de campo foi essencial para registrar observações, impressões e descrições das visitas, possibilitando compreender o ambiente, as interações e os elementos simbólicos presentes no espaço do engenho.

3. 5 Análise dos dados

Os dados coletados foram analisados por meio de diferentes procedimentos qualitativos que permitiram compreender a complexidade histórica e social dos engenhos de Abaetetuba. A análise temática possibilitou identificar categorias centrais, como “produção artesanal”, “declínio econômico”, “memória social” e “patrimônio cultural”, que emergiram dos relatos e documentos examinados. Em seguida, realizou-se o cruzamento entre as narrativas orais e os registros históricos preservados pelo proprietário do engenho, o que permitiu validar informações,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

comparar versões e reconstruir com maior precisão os acontecimentos do período áureo e do declínio da cachaça.

A interpretação sociológica foi empregada para relacionar essas evidências às transformações econômicas e culturais do município, considerando fatores como modernização agrícola, mudanças nas relações de trabalho e perda de competitividade frente à produção industrial. Esse conjunto de procedimentos analíticos garantiu uma leitura integrada e contextualizada da realidade estudada.

A escolha por uma metodologia qualitativa e centrada na memória social se justifica pela natureza do objeto estudado: a história dos engenhos de Abaetetuba é marcada por práticas culturais, saberes tradicionais e experiências comunitárias que não podem ser compreendidas apenas por dados estatísticos. As narrativas dos sujeitos revelam dimensões simbólicas, afetivas e sociais que enriquecem a compreensão do processo histórico.

3.5 Entrevistas

A presente entrevista busca registrar as memórias dos trabalhadores que vivenciaram o período de funcionamento e decadência dos engenhos de cachaça em Abaetetuba. Por meio de seus relatos, pretende-se compreender como se organizava o trabalho, quais eram as condições da produção e os fatores que levaram ao fechamento dessas atividades.

As entrevistas foram analisadas por meio de um método de análise temática, identificando categorias recorrentes nas falas dos participantes. A interpretação seguiu os princípios da análise de conteúdo, permitindo organizar sentidos, padrões e significados presentes nos relatos. Todos os entrevistados foram informados sobre os objetivos da pesquisa e concordaram voluntariamente em participar. Os cuidados éticos incluíram respeito à privacidade, uso responsável das informações e garantia de consentimento livre e esclarecido.

As experiências narradas pelos entrevistados revelam aspectos sociais, econômicos e culturais fundamentais para a história local. Assim, esta conversa procura valorizar suas vivências e preservar a memória dos engenhos. A seguir, inicia-se o diálogo com os senhores X e Y.

Considera-se que as perguntas e respostas serão abordadas em forma de narrativas aos dois entrevistados sendo que foram elaboradas da seguinte maneira: 1. Como era realizado o corte da cana no Engenho Pacheco? 2. Como funcionava o transporte da cana até o engenho? 3. Quais foram as causas da decadência dos engenhos? 4. Como as ações trabalhistas influenciaram a crise dos engenhos?

5. O que aconteceu com os trabalhadores após a decadência dos engenhos? 6. Quais maquinários eram usados na produção da cachaça? 7. Como era a estrutura física dos engenhos? 8. Como era a relação entre patrões e trabalhadores? 9. O que ocorreu com os engenhos após a crise financeira? 10. Quais foram as consequências econômicas para Abaetetuba?

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

A entrevista teve início como com o Sr. X, considerando a especificidade a pergunta relacionada ao corte da cana. De acordo com a fala do senhor X, 79 anos, antigo trabalhador do Engenho Pacheco:

> O corte era utilizado em torno de 20 trabalhadores para cortar e limpar a cana, dependendo do tamanho da área plantada e dez trabalhadores para fazer o embarque nos "batelões", espécie de barco rudimentar utilizado com força motriz força nos remos, que levariam a cana até aos engenhos, onde seria extraída a garapa, para assim fabricar a cachaça.

Conforme dados adquiridos durante a pesquisa de campo, e como bem explícita seu Y, antigo trabalhador do Engenho Pacheco, o que causou a decadência dos engenhos foi o seguinte:

> Os engenhos de cachaça sofreram com as mudanças que começaram a acontecer no comércio do país, a cachaça perdeu seu valor, outros produtos começaram a ser vendido, isso levou os ribeirinhos a começarem a ir embora à cidade em busca de melhores condições de vida.

Com o passar do tempo surgiram problemas para os donos dos engenhos. Seu Y ressalta que:

> Muitos trabalhadores depois que mudaram pra cidade, conheceram as leis, jogaram na justiça e ganharam, ais o juiz disse que tinha que identificar os trabalhadores, aí os lucros começaram a ser gastos com os trabalhadores.

Assim, na cidade de Abaetetuba aumentou o índice de desemprego e de subemprego, devido à desestruturação da indústria dos engenhos, a qual foi provocada pela queda dos meios de absorção e sustentação da força de trabalho que antes era base da economia. A ausência de títulos de propriedades das terras afetou o agricultor que, não tendo nenhum recurso, teve que se voltar à aquisição de créditos junto das instituições financeiras.

X e Y relataram, respectivamente que infelizmente "o engenho Pacheco veio lutando com dificuldades para se mantiver em pé, mas tá difícil"; "É uma luta, o filho do velho Pacheco vem lutando pela salvação do engenho da família". Lobato (1993) enfatiza que como os empréstimos e financiamentos foram negados, cada vez os engenhos foram deixando de existir. Os agricultores deixaram de plantar a cana-de-açúcar, o que prejudicou ainda mais a fabricação de cachaças.

Por causa do fechamento dos engenhos, várias famílias se deslocaram para os centros urbanos em busca de emprego e sobrevivência. Os Srs. X e Y, quando questionados sobre os maquinários usados na produção da cachaça, responderam o seguinte: "Nós usávamos as moedas, caldeiras e alambiques. Esses maquinários chegaram até a cidade vinda da Europa".

Devido, portanto, a inexistência de investimento e às indenizações que alguns trabalhadores conseguiram por meio da justiça, aos poucos os engenhos foram sendo abandonados, pois a estrutura física dos engenhos não era adequada.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

Os senhores X e Y aguardavam em suas lembranças históricas por eles vividas. Em suas escritas constam na ausência de conectivos, isso retrata que os trabalhadores eram pessoas que residiam na própria localidade e que viviam economicamente dos engenhos, muitos deles analfabetos. Segundo o documento da Biblioteca Municipal de Abaetetuba:

> A maioria da população ribeirinha era empregada pelos engenhistas e desfrutava de toda a assistência que era garantida pelo patrão, senhor de certo sistema paternalista. Enquanto os empregados cabiam a maior produção possível de cachaça ao patrão, a responsabilidade de assistência a todo quadro funcional de seus familiares (ABAETETUBA, 1990, p. 5).

Portanto, os trabalhadores dos engenhos, no auge da produção, obtiveram suas conquistas. De acordo com questionamentos realizados na pesquisa de campo, o que mais afetou e provocou a decadência foi segundo seu X e Y: “Muita despesa, os patrões pagavam os plantadores e colhedores de cana-de-açúcar, depois pagava para realizar a moenda da cana, produzir a cachaça e depois ainda fazia o transporte da cachaça para outras regiões”.

Por esse motivo enfatiza-se que até meados da década de 1960 os engenhos de Abaetetuba ainda obtinham grande produção econômica para o Estado do Pará. Mas, com a decadência, o que restou foram dívidas para os donos de engenhos. Lobato (1993) comenta que, com a decadência, os engenhos acabaram desacelerando o desenvolvimento econômico da cidade.

Quando se pergunta sobre a maior causa da decadência dos engenhos na cidade de Abaetetuba, o senhor Y afirmou que: “Os trabalhadores jogaram na justiça do trabalho. Os patrões, ai, ai, foi fracassando, todos os engenhos. Ficou muitas famílias sofrendo. Depois os engenhos foram fechando tudo, aí acabou o engenho de cachaça”.

Cabe então dizer que a decadência dos engenhos na década de 70 está relacionada à crise financeira que os engenhos sofreram, uma vez que, devido aos pagamentos de indenização aos trabalhadores, eles ficaram sem recursos para investir na melhoria dos engenhos. Tanto é que já no início da década de 80, praticamente todos os engenhos deixaram de existir.

Outro fato que segundo Lobato (1993) provocou a crise financeira em todos os engenhos da cidade, relaciona-se ao comércio de tijolos e telhas produzidas nas ilhas, que passou a substituir a indústria dos engenhos, fato esse que só intensificou o processo de decadência.

X relatou que: “A justiça mandava pagar os empregados, aí os donos de engenhos tinha que pagar, mas pra ele vendia suas posses, até máquinas dos engenhos”.

De certo, o descontentamento dos engenhistas pela produção da cachaça se tornou agravante, até porque a Justiça do Trabalho dava ganho de causa para os trabalhadores, sendo cada vez mais os engenhistas foram sendo enfraquecidos financeiramente.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

> Seu Pedro Nobre largou o engenho e vendeu tudo, terras, caldeiras, etc. Nesta época quem comprou o engenho dos Nobres foi o seu Ernani[11]. Se Ernani comprou todos esses engenhos, comprou palheta, oito moeda, mas não foram pra frente os engenhos, aí acabou tudo, tudo mesmo[12].

Dessa forma, os engenhos foram praticamente extintos nas localidades das ilhas. Ao longo dos anos, quase 100% das 80 localidades de ilhas possuíam engenhos. Conforme dados do documentário da Biblioteca Pública do município de Abaetetuba (1990).

> As causas judiciárias, sentenças sempre desfavoráveis aos engenhistas acarretavam o desembolso de vultosa quantia para indenizar empregados e com isso muitos patrões foram obrigados a fechar as suas indústrias e partir para outro negócio (ABAETETUBA, 1990, p. 6).

Além de o documento afirmar que a decadência dos engenhos teve a ver com as grandes indenizações pagas pelos engenhistas aos seus trabalhadores, ele também indica que: “A falta de investimento na indústria, cujas máquinas obsoletas, foram se desgastando, sem que fossem substituídas suas peças, que influenciavam diretamente na produção” (ABAETETUBA, 1990, p. 6).

Nesse sentido, na visão dos trabalhadores pesquisados, a maior causa da decadência dos engenhos teve influência direta de causas trabalhistas. Segundo dados do documento citado acima, o aceleramento da decadência dos engenhos tem ligação com:

> A estrada do mercado municipal de produtos oriundos de outros Estados (principalmente do nordeste) oferecidos por um bom preço. Que atingiu a indústria local, sem condições de competir no mercado;
> O problema de mão de obra foi um dos principais desestímulos a produção entre patrões e empregados, alicerçada nos sistemas paternalista e comunitário, incluindo assistência a estes últimos de existir (ABAETETUBA, 1990, p.6).

Os engenhos de cana-de-açúcar na cidade na cidade de Abaetetuba foram transitando rumo ao esquecimento. Na realidade, os engenhistas perderam o interesse pela indústria de cachaça e, aos poucos, foram abandonando as terras. Famílias inteiras vieram morar na cidade deixando para trás uma memória histórica de grandiosidade dos engenhos de cachaça.

Os relatos de X e Yrevelam uma memória viva sobre o funcionamento dos engenhos e a dura realidade enfrentada pelos trabalhadores. Ambos descrevem com clareza a organização do trabalho, o uso de maquinários e as condições precárias que marcaram a produção da cachaça.

[11] Morador da cidade de Abaetetuba, até hoje é dono de muitas terras compradas no período da decadência dos engenhos, conserva algumas localidades ainda com as ruínas dos antigos engenhos.
[12] Fala dos entrevistados Y e X.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

Suas respostas convergem ao apontar que a decadência dos engenhos foi resultado de fatores econômicos, jurídicos e estruturais que se agravaram ao longo das décadas. As falas também evidenciam o impacto social da crise, refletido na migração de famílias e no abandono das terras. Assim, o quadro demonstra que suas experiências são fundamentais para compreender o processo histórico de declínio dos engenhos em Abaetetuba.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas realizadas com moradores e produtores locais de Abaetetuba permitiu identificar, com relativa consistência, um conjunto de fatores convergentes que explicam a decadência da produção de cachaça na década de 1970. Os depoimentos revelam que tal processo não pode ser compreendido como um evento isolado, mas como resultado de transformações estruturais de ordem econômica, social e tecnológica que afetaram diretamente o modelo tradicional dos engenhos.

Destaca-se a perda de competitividade dos engenhos artesanais frente à modernização industrial. Os entrevistados apontam que a introdução de novas tecnologias produtivas, associadas à ampliação do mercado de bebidas industrializadas, reduziu significativamente a demanda pela cachaça produzida de forma artesanal. Esse deslocamento do consumo reflete uma mudança mais ampla nos padrões econômicos, na qual a produção em pequena escala passou a ser considerada menos eficiente e menos lucrativa, levando muitos proprietários ao encerramento de suas atividades.

Outro aspecto recorrente nas entrevistas diz respeito às dificuldades financeiras enfrentadas pelos produtores. A elevação dos custos de produção, aliada à ausência de políticas públicas de incentivo, contribuiu para o enfraquecimento dos engenhos locais. Muitos relatos indicam que a falta de acesso a crédito, assistência técnica e canais de comercialização dificultou a manutenção da atividade, tornando-a economicamente inviável para diversas famílias. Esse cenário evidencia a fragilidade estrutural da produção artesanal diante de um mercado cada vez mais regulado e competitivo.

Os entrevistados enfatizam mudanças no contexto social e cultural da época. A migração de trabalhadores do meio rural para os centros urbanos, motivada pela busca por melhores condições de vida, reduziu a disponibilidade de mão de obra nos engenhos. Tal fenômeno contribuiu diretamente para a diminuição da produção e, em muitos casos, para o abandono das propriedades. Paralelamente, observa-se uma mudança na percepção social da cachaça, que, em determinados períodos, passou a ser associada a práticas culturais consideradas menos valorizadas, o que também impactou negativamente seu consumo.

No plano histórico, os resultados confirmam que a decadência da cachaça em Abaetetuba está inserida em um processo mais amplo de reconfiguração

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

econômica do país, no qual atividades tradicionais foram progressivamente substituídas por modelos produtivos mais industrializados. As entrevistas corroboram a ideia de que os engenhos, outrora centrais na dinâmica econômica local, perderam sua função estruturante, tornando-se gradualmente marginais no sistema produtivo regional.

Entretanto, a discussão dos dados também revela um elemento de resistência cultural. Apesar do declínio acentuado na década de 1970, alguns produtores mantiveram a atividade, preservando técnicas tradicionais de fabricação e transmitindo conhecimentos entre gerações. Esse aspecto é fundamental para compreender a posterior retomada da produção a partir dos anos 2010, sugerindo que a decadência não representou uma ruptura definitiva, mas sim um período de retração seguido por reconfiguração.

Nesse sentido, os resultados apontam para uma dualidade importante: por um lado, a decadência foi impulsionada por fatores estruturais que ultrapassam o controle dos produtores; por outro, a permanência de alguns engenhos evidencia a força da cachaça como elemento identitário e cultural do município. Essa tensão entre declínio econômico e resistência cultural constitui o núcleo interpretativo das entrevistas analisadas.

A discussão evidencia que a compreensão da decadência da cachaça exige uma abordagem integrada, capaz de articular dimensões econômicas, sociais e culturais. As entrevistas não apenas confirmam os fatores históricos já apontados na literatura, mas também acrescentam uma perspectiva vivencial, permitindo compreender como esses processos foram experimentados pelos sujeitos diretamente envolvidos. Dessa forma, o estudo contribui para uma leitura mais complexa do fenômeno, superando explicações simplistas e evidenciando a multiplicidade de elementos que moldaram a trajetória dos engenhos em Abaetetuba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise histórica e dos dados obtidos por meio das entrevistas realizadas no município de Abaetetuba, é possível afirmar que a decadência da produção de cachaça na década de 1970 resultou de um conjunto articulado de fatores estruturais, que envolveram transformações econômicas, sociais e tecnológicas. Não se tratou de um declínio repentino ou isolado, mas de um processo gradual de desarticulação de um modelo produtivo tradicional que, durante décadas, sustentou parte significativa da dinâmica econômica e cultural local.

Os relatos evidenciam que a modernização industrial, a ampliação da concorrência e a ausência de políticas públicas voltadas ao fortalecimento dos pequenos produtores contribuíram decisivamente para o fechamento de inúmeros engenhos. A dificuldade de adaptação às novas exigências do mercado, somada à

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

elevação dos custos de produção e à escassez de mão de obra, fragilizou ainda mais a atividade, tornando-a insustentável para muitos produtores. Nesse contexto, a cachaça deixou de ocupar a posição central que anteriormente possuía na economia local, passando a um papel secundário.

Entretanto, a pesquisa também demonstra que, apesar desse cenário adverso, a produção de cachaça não desapareceu completamente. A permanência de alguns engenhos, tanto na forma artesanal quanto industrial, revela a força simbólica e cultural da atividade para o município de Abaetetuba. A cachaça, mais do que um produto econômico, configura-se como um elemento de identidade histórica, cuja continuidade está associada à memória coletiva e à resistência de determinados grupos sociais .

Nesse sentido, a ascensão observada a partir dos anos 2010 pode ser interpretada como um movimento de revalorização cultural e econômica, sustentado pela permanência desses produtores remanescentes. Tal retomada indica que, embora tenha havido um período de profunda retração, a atividade encontrou novas formas de inserção no mercado, especialmente por meio da valorização do caráter artesanal e da identidade regional do produto.

Dessa forma, conclui-se que a trajetória da cachaça em Abaetetuba é marcada por um movimento dialético entre decadência e resistência. Se, por um lado, os processos históricos levaram ao enfraquecimento dos engenhos, por outro, a persistência de práticas tradicionais e a valorização cultural do produto permitiram sua continuidade e reconfiguração. Assim, compreender essa dinâmica é fundamental não apenas para o resgate da memória histórica local, mas também para a formulação de políticas que possam fortalecer e preservar esse patrimônio cultural, garantindo sua sustentabilidade no presente e no futuro**.**

REFERÊNCIA

ABAETETUBA. *Engenhos de Abaetetuba* [Documentário]. 1990.

AQUINO, Fernandes; HIRAM, Gilberto. *A sociedade brasileira: uma história através dos movimentos sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BITTENCOURT, Circe Maria. *Ensino da história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

CATELLI JR., Roberto. *Brasil: do café à indústria*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

COSTA, Emília Viotti da**.** *De senzala à colônia*. São Paulo: UNESP, 1998.

COSTENARI, Adriana; ABATTI, Evelise**.** As perspectivas do mercado de cachaça artesanal no Brasil. Disponível em: <http://www.canabrasil.com.br/component/>. Acesso em: 25 maio 2025.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/r4xr4d44
Pages: 1-31

JORGE, Machado**.** *Terras de Abaetetuba*. Belém: Maria de Nazaré Lobato, 1992. (Coleção Ecos da Terra).

PEREIRA, Marília da Silva. *História da cachaça em Abaetetuba: o auge e o declínio dos engenhos*. Abaetetuba, 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará.

REIS, Luís. *Terra de Abaetetuba*. 1983.

ROCHA, Ademir**.** *Ilhas e igarapés*. 2010. (Pesquisa que até os anos 1970 registrava 129 engenhistas no município de Abaetetuba).

SERRAT, Maria do Monte**.** *Do meio do povo: nossa história em lições de vida*. Belém: Gráfica Sagrada Família, 2005.

SOARES, Ana Aparecida; SOUZA, Carolina Ferreira de**.** *Do engenho à palavra: uma breve etnografia da cachaça*. Pará: UEMG – Universidade Estadual de Minas Gerais, 2004.

VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro (org.)**.** *Domínios da história: ensaio de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.